



7 • Correio Braziliense — Brasília, terça-feira, 20 de setembro de 2022

Bolsas Na segunda-feira 2,33% São Paulo 0,64% Nova York	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias 110.547 / 111.824 14/9 15/9 16/9 19/9	Salário mínimo R\$ 1.212	Dólar Na segunda-feira R\$ 5,165 (- 1,79%)	Euro Comercial, venda na segunda-feira R\$ 5,178	CDI Ao ano 13,65%	CDB Prefixado 30 dias (ao ano) 13,73%	Inflação IPCA do IBGE (em %) Abril/2022 1,06 Maio/2022 0,47 Junho/2022 0,67 Julho/2022 -0,68 Agosto/2022 -0,36
---	--	---	---	--	---------------------------------------	---	---

CONJUNTURA / Petrobras reduz em 5,8% valor cobrado das distribuidoras e litro passa de R\$ 5,19 a R\$ 4,89 a partir de hoje. Analistas veem influência das eleições nas decisões da estatal. Para importadores, medida foi técnica

Diesel tem a terceira queda em dois meses

» MICHELLE PORTELA

Minervino Júnior/CB/D.A.Press

Em mais um movimento de redução de preços, a Petrobras anunciou corte de 5,8% no litro do diesel vendido às distribuidoras. A partir de hoje, o valor médio cobrado nas refinarias passará de R\$ 5,19 para R\$ 4,89, um recuo de R\$ 0,30. Os preços dos demais combustíveis não sofrerão alterações. Foi a terceira queda do diesel desde o início de agosto, acumulando baixa de 12,8% no período nas refinarias.

A Petrobras informou, em nota, que, com a mudança, a parcela de sua responsabilidade no preço ao consumidor passará de R\$ 4,67, em média, para R\$ 4,40 a cada litro vendido na bomba. Esse cálculo leva em conta a mistura obrigatória de 90% do diesel e 10% de biodiesel para a composição do combustível que chega aos postos. A esse valor devem ser acrescentadas ainda as margens de distribuição e revenda.

Embora ainda registre alta acumulada de 146% desde 2020, o preço do diesel começou a baixar na bomba. Pesquisa divulgada pela Agência Nacional do Petróleo (ANP) na última semana mostra que o valor médio do litro estava em R\$ 6,84 — uma redução de 0,58% em relação à semana anterior.

Para importadores, o movimento de redução de preços ocorreu devido a uma sensível retração da economia sentida em outros países, que afetou o preço do barril do petróleo. De acordo com Sérgio Araújo, da Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis (Abicom), o movimento está pouco relacionado “a um esforço político” ou eleitoral. “É uma decisão técnica e correta, dentro da política de preços da empresa em consonância com o mercado”, disse.

O economista Tiarajú Alves de Freitas, pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), avalia que o cenário internacional favorece a redução dos preços, mas que o ambiente doméstico foi estimulado pela diminuição do Imposto sobre



Diminuição do preço do combustível terá efeito importante na economia, mas impacto direto no IPCA será pequeno, segundo pesquisador da FGV

Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Contudo, aponta que a redução de preços pode ser fruto de pressão política motivada pela proximidade das eleições presidenciais, uma vez que o atual presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro (PL), aparece em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto.

“O cenário está mais favorável tanto internacionalmente quanto internamente, com a diminuição do ICMS, que gerou uma expectativa de novas quedas. Porém, o comportamento do preço do diesel como referência internacional não tem acompanhado, no período mais recente, a cotação do barril de petróleo. Nesse sentido, esse movimento de queda divulgado hoje (ontem) tende a ter como

principal responsável a recente mudança na dinâmica de reajustes da estatal”, avaliou Freitas.

Para ele, o governo deverá seguir influenciando a agenda política com o controle de preços dos combustíveis. “A nova política de preços começa a ser posta em ação, e é necessário ver se a forma como foi construída efetivamente gerará maior transparência para os players presentes no mercado”, disse.

André Braz, coordenador do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV), avaliou que é difícil prever os efeitos de médio prazo da redução do preço do diesel na inflação, uma vez que a alta acumulada chegou a mais de 40%

somente nos últimos 12 meses.

“Diesel é importante para geração de energia, transporte, agronegócio. Para a economia, o diesel é muito importante, mas a gasolina tem um peso maior no IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo, medida oficial da inflação no país). A gasolina compromete 6% do orçamento familiar, e o diesel 0,3%. Então, o impacto direto vai ser muito pequeno, mas o impacto indireto vai ser grande”, afirmou.

Por outro lado, a redução do preço do diesel deverá contribuir para o controle da inflação. “Só o fato de impedir que o ônibus urbano, que é o principal meio de transporte nos grandes centros, suba de preço, ou suba menos, já é de grande ajuda”, finalizou.



A nova política de preços começa a ser posta em ação, e é necessário ver se a forma como foi construída efetivamente gerará maior transparência”

Tiarajú Alves,
pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande

Mercado vê inflação menor

Divulgado ontem, a dois dias da decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, o novo boletim Focus mostrou mais uma vez melhora das expectativas para a inflação neste ano e em 2023, ao mesmo tempo que apontou para uma deterioração do indicador em 2024.

Para este ano, a estimativa para o IPCA (o índice de inflação oficial) foi reduzida pela 12ª semana seguida, caindo de 6,40% para 6% — reflexo, principalmente, das desonerações patrocinadas pelo governo para baixar combustíveis e energia, e também do recuo dos preços de gasolina. Há um mês, a projeção era de 6,82%. Em relação a 2023, a projeção recuou pela quinta semana consecutiva, de 5,17% para 5,01%, ante 5,33% quatro semanas antes.

Contrariando o movimento firme observado nas projeções para 2022 e 2023, a estimativa de inflação para 2024 avançou pela terceira semana seguida, saindo de 3,47% para 3,5% — depois de ficar em 3,41% há um mês.

Apesar da melhora considerável nas últimas semanas, os resultados continuam a apontar para três anos consecutivos de estouro da meta de inflação, após o descumprimento do mandato do Banco Central em 2021, quando o IPCA bateu em 10,06%. O alvo para 2022 é de 3,50%, com teto de até 5%, enquanto para 2023 a meta é de 3,25%, com banda até 4,75%. Já para 2024 e 2025, a meta é de 3%, com intervalo de 1,5% a 4,5%.

Ainda de acordo com o boletim Focus, a projeção de alta para o Produto Interno Bruto (PIB) em 2022 saltou de 2,39% para 2,65% — na 12ª elevação alta seguida. Já a estimativa para a expansão do PIB em 2023 continuou em 0,50%. O relatório Focus ainda mostrou redução na projeção para o crescimento do PIB em 2024, de 1,80% para 1,70%.

Bolsa começa a semana em alta; dólar cai

A Bolsa de Valores de São Paulo (B3) conseguiu se descolar da cautela que manteve a maior parte dos mercados do exterior na defensiva, ontem, às vésperas da reunião do Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos) que deve elevar novamente as taxas de juros naquele país, medida que teria efeitos negativos na economia global. O Ibovespa, principal indicador dos negócios, fechou em 111.825 pontos, em alta de 2,33%. Com isso, o índice retornou ao campo positivo no mês (+2,10%), colocando os ganhos do ano em 6,68%.

“A ressaca da semana passada foi pesada”, o que ajuda a compreender o “rali” de recuperação de ontem, observou Felipe Castro, especialista em renda variável da Blue3. Ele acrescentou, porém, que o estresse pode voltar, pela magnitude desta “super

quarta-feira”, com decisões monetárias nos Estados Unidos e no Brasil, onde o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central também se reúne para definir a taxa básica de juros, a Selic.

Parte da valorização da B3 foi atribuída por analistas a um fato político: o apoio de candidatos à Presidência, entre os quais o ex-ministro da Fazenda Henrique Meirelles, a Luiz Inácio Lula da Silva (PT), líder nas pesquisas. “A divulgação do apoio de Meirelles a Lula contribuiu para o sentimento positivo na Bolsa e no câmbio, mas não explica o movimento todo do dia, de recuperação para Petrobras (ON +1,19%, PN +1,59%) e Vale (ON +3,24%), mais correlacionadas ao mercado externo”, analisou Davi Lelis, economista e sócio da Valor Investimentos. “Há ainda otimismo estrangeiro com o Brasil, mais adiantado na correção dos

juros, onde o BC agiu rápido e bem. E o paciente (a economia) não morreu, segue em recuperação”, acrescentou.

Já o dólar terminou o dia em queda firme, a despeito do sinal predominante de alta da moeda americana no exterior em meio à expectativa pela decisão, amanhã, de política monetária do Fed. No fim do pregão, a moeda norte-americana registrava retração de 1,79%, cotada a R\$ 5,16. Segundo profissionais do mercado, a apreciação do real também pode ter sido reflexo, em parte, da perspectiva de redução do risco fiscal num eventual governo do ex-presidente Lula, após a declaração de apoio de Meirelles.

Na maior parte do pregão, o real era, ao lado do peso mexicano, a única divisa relevante entre países emergentes e de exportadores de commodities a se fortalecer.



Fator político: apoio de Meirelles a Lula foi bem visto por investidores

Guedes

O ministro da Economia, Paulo Guedes, criticou ontem o BC pelos alertas feitos pela instituição sobre a situação das contas públicas do país. Em entrevista para a Rádio Guaíba, Guedes disse que o BC errou as projeções econômicas por não perceber “a mudança no eixo de crescimento” com reformas e marcos legais aprovados pelo Congresso.

“O BC errou por não perceber que mudamos o eixo da economia. O BC errou ao falar o tempo todo em risco fiscal, desajuste fiscal, quando fomos para superavit. O BC estava preocupado com o fiscal e eu, com o juro negativo”, disse.

Nas atas sobre as decisões da Selic, o BC vem chamando a atenção, com frequência, para a incerteza fiscal no país, com os sucessivos dribles na regra do teto de gastos.